

UMA MULHER PRETA CRIOU O MUNDO



Mumu de Oliveira

mumudeoliveira.cs@gmail.com

Arte-educador, sambista e compositor. É militante do samba há mais de 20 anos e arteeducador há 15, carrega consigo a convicção de que a arte pode e vai nos ajudar a encontrar caminhos para um mundo menos desigual. Desde 2016 trabalha junto ao CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), dentro da Fundação Casa, produzindo conhecimentos por meio da música com os adolescentes internados.

UMA MULHER PRETA CRIOU O MUNDO

A BLACK WOMAN CREATED THE WORLD

UMA MUJER NEGRA CREÓ EL MUNDO

Lembro que era finalzinho de 2018. E que naquele momento eu estava muito chocado com o resultado das eleições presidenciais no Brasil que acabara de acontecer. Comecei a enumerar os prováveis impactos negativos que tal eleição causaria à população negra e, ao mesmo tempo, buscando estratégias para impedir os possíveis danos ou, pelo menos, diminuir o sofrimento dos que estavam à minha volta.

Pensei que exaltar os feitos do movimento negro seria um caminho para empoderar crianças e mulheres negras, por se tratar de grupos que historicamente são desumanizados pelo racismo, sexismo, e no caso das crianças, também pelo adultocentrismo. Eu vinha de uma sequência de leituras que abordavam, de alguma forma, a mulher negra. Todos os textos, naquela ocasião, foram escritos por mulheres negras. Li bell hooks, Angela Davis, Djamilia Ribeiro, Maria Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Carla Akotirene.

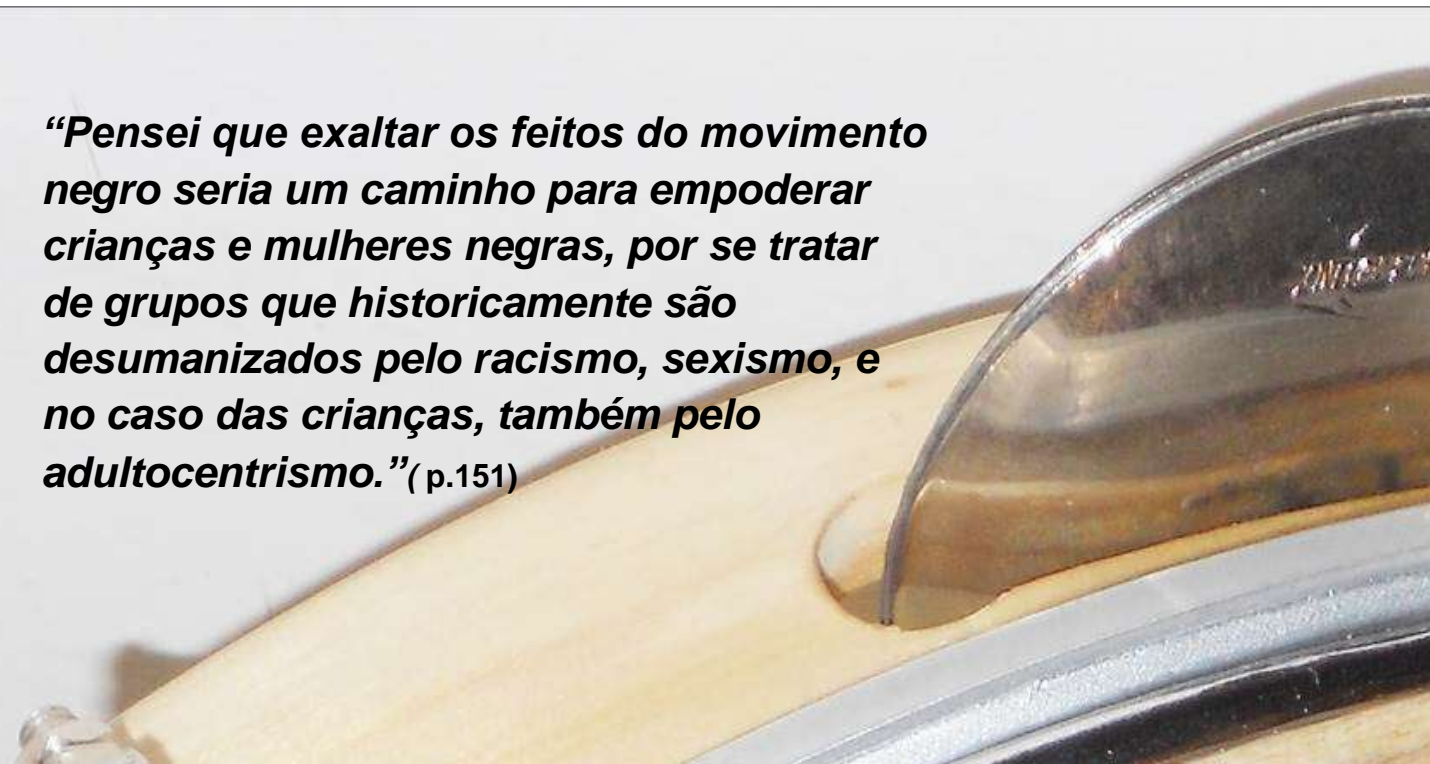
Chegou aos meus um samba enredo para o carnaval de 2019. Um samba lindo. Um samba que, na minha opinião, merecia receber nota 10 tanto pela letra como pela melodia. O nome do enredo era “Histórias para ninar gente grande”, da minha querida Estação Primeira de Mangueira, e um dos trechos que me marcou profundamente foi [...] Brasil chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Males[...] Vale lembrar que no dia 14 de março de 2018, Marielle Franco foi assassinada, de maneira cruel e covarde. Mestre Moa do Katendê também foi vítima de assassinato, naquele mesmo ano, no dia 08 de outubro. E eu, mais do que nunca, temia pela vida dos meus iguais, de pele preta.

Quando eu criei o meu primeiro samba, aos 17 anos de idade, portanto há exatamente 24 anos, percebi que compor era, para mim, uma maneira de organizar meus pensamentos e também de amenizar as minhas angústias. E tudo o que não me faltava no período em questão, era angústia.

No início de 2019, revirando uma caixa de livros da minha companheira, a Negra Dai, encontrei um, que aos meus olhos, parecia ser muito grande. O nome dele me incomodou de pronto. Me bateu uma curiosidade enorme de saber o que tinha ali dentro, mas o livro parecia ser “mais enorme” que a minha curiosidade. Perguntei à minha companheira sobre o que tratava o tal livro, mas ela disse que ainda não havia lido o “dito cujo”. Disse também que ele pertencia à nossa madrinha de casamento, a Mariana, e que a dona do livro havia conferido a ela o título de guardiã daquele tesouro.

Resolvi abrir e ler as primeiras páginas para me inteirar do assunto abordado. Como se por encanto, fui tomado por aquela leitura que, curiosamente, me fazia chorar muito. Copiosamente. Eu já estava muito abalado pelos acontecimentos do ano anterior, então, por que ler, naquele momento, um livro tão pesado? Não sei, mas li.

Depois de dois meses de leitura, levei mais ou menos um mês para acomodar o tanto de informações que saltaram aos meus olhos daquelas páginas. A síntese daquele livro enorme, dos tristes acontecimentos do ano anterior e das leituras que havia feito, tornou-se um samba, que eu cantei pela primeira vez com o grupo Samba Camará, numa roda de samba do bar Ó do Borogodó.



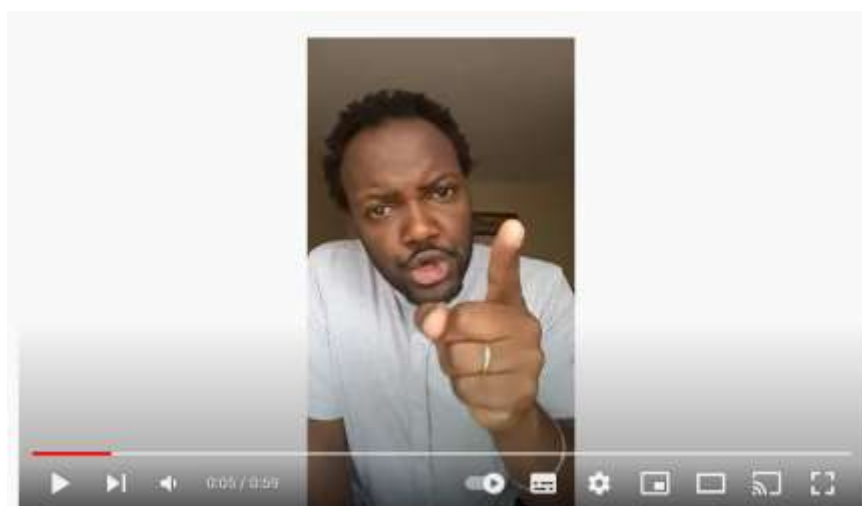
“Pensei que exaltar os feitos do movimento negro seria um caminho para empoderar crianças e mulheres negras, por se tratar de grupos que historicamente são desumanizados pelo racismo, sexismo, e no caso das crianças, também pelo adultocentrismo.”(p.151)

Antes que eu me esqueça, o nome do livro é “Um Defeito de Cor” de Ana Maria Gonçalves. Já o samba que nasceu depois de tudo isso, e que eu não me canso de cantar é “Mulher Preta”. Esta canção, pela sua simplicidade e papo reto, chamou a atenção de algumas pessoas do meio musical, uma delas foi Josi Clímaco, mulher preta, cantora, professora e moradora de Salvador, Bahia.

Quero registrar que o samba Mulher Preta foi um dos finalistas do 47º Festival de Música Negra do Ilê Aiyê, também na voz de Josi Clímaco.

Por fim, quero dar os devidos créditos à autora da frase que serviu de mote para a construção deste samba. Salve Angela Davis, mulher negra, afro-americana, que muito contribuiu com o movimento negro estadunidense e brasileiro. Disse ela: “Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Que assim seja! Axé





Clipe da música “Mulher preta”. Clique para ser direcionado ao Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?v=gm856xpcrM>

Mulher Preta (Mumu de Oliveira)

*Quando uma mulher preta se mexe,
O mundo inteiro se mexe também (4X)*

Quando uma mulher preta fala, o mundo deve mexer também

Quando uma mulher Preta canta, o mundo deve mexer também

Uma mulher preta criou o mundo (4X)

*Quando uma mulher preta se mexe,
O mundo inteiro se mexe também (4X)*

Quando uma mulher preta chora, o mundo deve mexer também

Quando uma mulher preta pari, o mundo deve mexer também

*Quando uma mulher preta dança,
O mundo deve mexer também (4X)*

Uma mulher preta criou o mundo (4X)

COMO CITAR ESTE TEXTO

Oliveira, M. (2021). Uma mulher preta criou o mundo. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 149-156.

RECEBIDO EM: 11/08/2021
APROVADO EM: 15/10/2021